

Razões para o encerramento do projeto de Ocua

As Irmãs Missionárias da Boa Nova informaram a **ataca** que iriam deixar o projeto em agosto de 2012, pois aperceberam-se da impossibilidade da sua instituição continuar um projeto numa zona tão rural e inóspita. Imediatamente, a ONGD encetou diálogo com a Diocese de Pemba - responsável pastoral pela área - para que uma transição tivesse lugar.

Assim - a pedido das Irmãs e dado estas nos terem informado que tinham ainda valores doados pela ONGD suficientes para a manutenção da escolinha durante os meses que restavam até à sua saída - a **ataca** suspendeu as transferências relativas aos restantes meses do ano de 2012. Os valores retidos foram então cuidadosamente colocados de parte para que fossem transferidos para o futuro novo parceiro que passaria a gerir o projeto de Ocua.

Além dos contactos por parte dos voluntários em Moçambique e daqueles feitos a partir de Portugal, a direção da **ataca** reuniu-se também pessoalmente com o Bispo de Pemba aquando da sua deslocação a Portugal. A direção explicou ao Sr. Bispo o seu mal-estar em reter os donativos e que era seu desejo que a passagem de testemunho tivesse lugar o mais cedo possível para que os valores pudessem ser transferidos. O Sr. Bispo assegurou à direção da **ataca** que o projeto de Ocua tinha tal qualidade que não iria encerrar. Adiantou igualmente que, nessa altura, tinha já encarregue a Cáritas de Pemba (estrutura oficial da Diocese para acompanhamento de escolinhas semelhantes à de Ocua) do projeto de Ocua, informando a **ataca** que seria aquela entidade o novo ponto de contacto da parceria.

Após várias reuniões pessoais dos nossos voluntários em Moçambique com a responsável pela Cáritas de Pemba, além de outras questões, ficou acordado:

- i. O pernoitar sazonal dos voluntários em Ocua em conjunto com alguém da Cáritas (para monitorização do projeto e para elaboração do trabalho PT&D);
- ii. A criação de uma comissão de locais de Ocua para a gestão diária da escolinha;
- iii. Que a Cáritas monitorizaria *in loco* 2 vezes por semana o trabalho da referida comissão em Ocua;
- iv. Que a Cáritas entregaria à comissão os salários dos funcionários e os bens alimentares e escolares que adquiriria com os donativos da **ataca**.

Até à efetiva saída das Irmãs, foi preocupação da **ataca** insistir junto do Sr. Bispo de Pemba e da Cáritas para que a passagem de testemunho tivesse lugar com tranquilidade, e para que os novos parceiros tirassem partido dos anos de experiência das Irmãs cessantes.

Contudo, após o regresso das Irmãs Missionárias da Boa Nova a Portugal, fomos informados que estas encerraram o projeto sem que a Cáritas tivesse dado continuidade imediata ao mesmo, que esta instituição não tinha ainda criado a comissão mencionada

em ii) e que não tinha feito qualquer esforço por se inteirar do funcionamento da escolinha enquanto as Irmãs se encontravam em Moçambique.

A Cáritas de Pemba, por seu lado, informou a **ataca** que:

- a) A escolinha continuava a funcionar (embora de forma mais reduzida);
- b) Já se tinham deslocado a Ocua por três vezes após a saída das Irmãs;
- c) Estava agora a residir em Ocua um padre e que o *supra* acordado i) não seria agora possível.

No entanto, após os voluntários se terem dirigido pessoalmente a Ocua foi possível constatar que:

- a) A escolinha na realidade não funcionava de todo desde a saída das Irmãs Missionárias em agosto;
- b) Desde agosto a Cáritas não se tinha, em qualquer momento, deslocado a Ocua.

Depois destas constatações (absolutamente contrárias às informações recebidas por parte da Cáritas de Pemba), a **ataca** tentou ainda - e nesse momento já como alternativa à Cáritas - criar uma parceria diretamente junto do novo padre agora a residir em Ocua. Contudo, um dia depois das condições de trabalho terem sido todas acordadas pessoalmente junto do padre aquando da viagem dos voluntários a Ocua, este informou a **ataca** que afinal não abriria uma conta (para onde pudéssemos transferir os donativos), não apresentando alternativas e rejeitando liminarmente um contacto telefónico (sem explicação) com a direção ou com os voluntários em Moçambique já em viagem. A certo momento a **ataca** viu-se na caricata posição em que falava telefonicamente com um funcionário do padre, que por sua vez o informava e depois nos passava as respostas que o padre lhe transmitia.

Em grande medida, o que leva a organização a não apoiar mais crianças em Moçambique é a sua preocupação com a qualidade e continuidade dos projetos. Assim, quando potenciais novos parceiros não asseguram à ONGD segurança quanto a estes dois fatores, a **ataca** opta por não abrir o projeto para que, mais tarde, este não venha a encerrar com drásticas consequências para as crianças. Consequentemente, é preferível o projeto não ter continuidade do que reiniciar para a breve trecho encerrar.

Desta forma, apesar dos meses de negociações e esforços vários junto de todas as entidades que poderiam de alguma forma contribuir para a continuidade da escolinha de Ocua, a total impossibilidade de assegurar um novo parceiro que oferecesse garantias mínimas de trabalho forçou a **ataca**, com imenso pesar, a encerrar este projeto.

22/02/2013